

Ainda é possível a reativação de um dos maiores centros de PDI para o setor elétrico no Brasil? (1)

Dagoberto Alves de Almeida (2)

Em 2018 foi lançado aquele que seria o maior complexo de pesquisa e desenvolvimento para o setor elétrico da América Latina e um dos maiores do mundo, o Instituto Senai de Inovação em Sistemas Elétricos (ISE-SE). Lamentavelmente, poucos meses depois as obras de infraestrutura em terreno doado pela Prefeitura de Itajubá foram interrompidas, já tendo sido então investidos mais de 41 milhões de reais. Apesar do terreno terraplanado de 207 mil m² com acesso e subestação da Cemig concluídas, as obras ainda se encontram paralisadas.

O último desdobramento dessa novela ocorreu no âmbito municipal com projeto de lei aprovado pela câmara municipal que prorroga o prazo de concessão do terreno, só que agora não mais no escopo original do ISI-SE, mas para um novo arranjo mais geral, chamado de CIT Park, para apoio à processos industriais. Até se entende a preocupação dos gestores municipais de se procurar dar à essa infraestrutura algum tipo de propósito, ainda que acanhado em comparação ao projeto original. No entanto, vale contra-argumentar que fatiar o escopo de um projeto que custou 5,5 milhões de reais – projetos executivos de arquitetura e estrutura, e projetos básicos de instalações – encomendados em consultoria internacional por adicionais 9 milhões de reais à holandesa DNV GL Kema, mais do que o desperdício de recursos é um erro grave por comprometer a economia do conhecimento na área de energia, fundamental para o desenvolvimento do país.

O ISE-SE (ou Centro Nacional de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação em Sistemas Elétricos – CNISE, como então se denominou) é um complexo composto por quatro laboratórios, Alta Tensão, Ensaio Mecânicos, Elevação de Temperatura e Alta Potência. É justamente este laboratório que faz o ISE-SE ser único e crítico para a infraestrutura do setor elétrico brasileiro. Isto porque ele compreende um gerador de curto-circuito capaz de fornecer potência elevada para os ensaios sem precisar de autorização prévia da ONS para realizá-los, visto que não há risco de “derrubar” a interligada rede do sistema elétrico brasileiro.

O ISE-SE construído estritamente conforme seu projeto original permitirá a realização de testes e certificações sem as quais não se compra e muito menos se vende ou exporta equipamentos. Se tais serviços não são executados no Brasil eles serão realizados no exterior, acarretando custos adicionais em royalties e logística,

comprometendo assim a cadeia produtiva desse importante setor industrial. Fato que, por sinal, já vem ocorrendo há vários anos dado que aqui entra-se em uma fila que chega à dezenas de meses. Situação que se torna ainda mais agravada pela incerteza quanto ao futuro do CEPEL, provocada pela privatização da Eletrobrás.

Na falta de estudos mais recentes, pós-pandemia, vale referenciar o Panorama Setorial 2030 para o setor elétrico, publicado pelo BNDES em 2017, o qual assinala que a retomada da atividade econômica para um crescimento da ordem de 4% ao ano careceria de investimentos para o setor elétrico na média anual de R\$ 60 bilhões de reais. Como nem a efetivação de um complexo como o ISE-SE ao custo então orçado em 438 milhões de reais tem ocorrido – menos de 1% da estimativa do BNDES – conclui-se que não estamos nos preparando para o salto de desenvolvimento que o país precisará ter. Tais dificuldades e incertezas, todavia, podem ser vistas como oportunidades para a reativação da construção do ISE-SE. Senão, vejamos.

O Brasil já foi exportador de transformadores, geradores e dispositivos elétricos nas décadas de 70 e 80, sobretudo para países da América Latina. Atualmente, o Brasil está reduzido à condição de importador de bens de capital para geração, transmissão e distribuição, como demonstra o Panorama Setorial 2018 da Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee). Compreende-se, portanto, que assim como ocorreu no passado, caso a indústria do setor elétrico se fortaleça é possível, apesar das oscilações cambiais, voltar a ter este protagonismo.

Mas o mundo mudou desde a década de 70 e 80 e hoje novas tecnologias se fazem necessárias para as energias limpas e que considerem novos materiais que podem, a propósito, serem pesquisados pelos laboratórios de Ensaio Mecânicos e Elevação de Temperatura do ISE-SE. No segmento das energias renováveis que é mais que um nicho, uma sólida tendência, o Brasil tem potencial de se tornar protagonista no cenário mundial por conta da importância crescente sobre as questões ambientais. Além do que, a política externa multilateralista defendida pelo governo eleito ao rejeitar o alinhamento automático imposto pela polaridade de blocos de influência dos EUA e da China, coloca o Brasil em uma posição de proeminência na recepção de investimentos externos de infraestrutura. Nada de extraordinário a considerar que isto já ocorreu em passado com o Acordo Brasil-Alemanha em meados da década de 70 que permitiu ao país controle sobre a tecnologia nuclear, afrontando as objeções então impostas pelo governo dos EUA. Mais recentemente, na década de 90 foi em parceria do INPE com a China para o desenvolvimento dos primeiros satélites brasileiros, tecnologia vital para o monitoramento do clima e o controle de desmatamento na floresta amazônica.

Daí porque o momento não poderia ser mais propício para reativar a construção do ISE-SE, o que para Minas Gerais se apresenta como particularmente auspicioso na medida em que este projeto capitaliza a posição geográfica da cidade de Itajubá no sudeste, equidistante dos grandes centros urbanos, além de contar com a proximidade de uma das mais tradicionais universidades na área de engenharia elétrica, a UNIFEI. Neste contexto, vale aplausos a possibilidade de um desenho que considere a formação de um consórcio entre empresas privadas do setor elétrico,

nacionais e internacionais, com a participação da Cemig. Nada disso, obviamente, tem possibilidade de prosperar sem o aval da Aneel e do apoio do Governo de Minas por intermédio da Fiemg.

Nossa história mostra que o desenvolvimento econômico do Brasil sempre dependeu de estadistas que pensaram grande e a longo prazo ao adotar posturas ousadas em defesa dos interesses estratégicos da nação. É essa mesma atitude que se espera nesse momento crítico de inflexão.

(1) Artigo publicado na Agência CanalEnergia. Disponível em: <https://www.canalenergia.com.br/artigos/53231693/ainda-e-possivel-a-reativacao-de-um-dos-maiores-centros-de-pdi-para-o-setor-eletrico-no-brasil>. Acesso em 09 de dezembro de 2022.

(2) Dagoberto Alves de Almeida é Ex-Reitor da Unifei.